GUSTAVO BARROSO E A CASA DE JUVENAL GALENO

Henriqueta Galeno

O Ceará não podia ficar indiferente à passagem da magna data dos 70 anos de Gustavo Barroso, nobre filho dessa terra que ele tanto honra e enaltece, filho que é incontestavelmente além de uma das legítimas glórias do Ceará, um nome que se alteia na galeria dos grandes vultos do Brasil.

Gustavo Barroso, com o seu talento multiforme, tem representado várias vezes, com grande brilho e dignidade, o nosso País em comissões importantíssimas, não só nos países sul-americanos, como nos mais exigentes centros culturais europeus tendo por sua cultura e fidalgo trato diplomático, erguido a nossa terra e os foros de gente civilizada, concorrendo extraordinariamente para desfazer impressões às vezes pouco favoráveis à nossa cultura.

O Ceará envaidece-se muito com esse seu digno e grande filho.

A sua obra literária é vasta e valiosa. Adelmar Tavares já disse que Gustavo tem mais livros do que anos de idade. Realmente é uma bagagem considerável, onde se encontram admiráveis livros sobre a nossa História, Folclore e Literatura nas suas diversas modalidades.

Para nada faltar deu-nos um presente cativante com um volume de belos versos. Como poeta aliás já sobejamente se havia demonstrado soberano, musical, de coloridos lindos e impressionantes, no seu grande livro *Terra de Sol* no qual ele, não obstante a pouca idade com que o escreveu, já tomava posição de escritor de pena segura e brilhante.

Com que aprumo de linguagem, e emoção filial ele descreveu a terra natal, nos capítulos referentes ao Meio, ao Homem, aos Animais, à Arte, e à Lenda. *Terra de Sol* é um livro que deve ser lido por todo o cearense que se interessa pelo seu torrão.

Gustavo Barroso é um filho amantíssimo do Ceará: nem as injustiças que sofreu, nem as incompreensões e insinceridades que o feriram estenderam em seu coração leal e sensível o indiferentismo e o esquecimento para o seu berço natal, "sua obra é o mais autêntico testemunho de que, afirmo, toda ela está voltada para o seu Ceará, com a saudade e a ternura do filho extremoso". Nesse sentido assim se expressa o grande poeta Adelmar Tavares, membro da Academia Brasileira de Letras: "Gustavo:

Está nos teus livros, porque neles está sempre o teu Ceará. Nunca a sua paisagem, suas aves, suas flores, seus céus, suas umarizeiras e catandubas, seus

jucás, e mulungus, seus angicos e suas umburanas, deixaram de fazer sombra de saudade nas tuas páginas. As praias morenas do Mucuripe e do Meireles, nunca deixaram os teus olhos, como nunca se fecharam no espelho do teu coração os lugares dos primeiros dias a cada passo lembrados — de Jaçanan, de Siqueira, de Tucunduba, de Taquara, e daquela fazenda dos teus primos, daquela água boa que guarda ainda por seus campos, que as flores roxas das gitiranas atapetam o eco das tuas risadas infantis, e o velho rio, o retrato do menino traquina que riscava, como um fenício aventureiro, a tristeza das suas margens na ponta da embaúba das suas jangadas...

Não pode haver cearense ou nordestino, que te leia sem uma lágrima. És um fiel e constante evocativo".

Realmente, compulsemos a obra valiosa de Gustavo Barroso e nela sempre encontramos o Ceará, numa oblata do filho amoroso, e grande nas letras do País.

E com que ternura ele fala da sua terra: "Rememoro as silenciosas matas das serras catedrais de esmeralda dentro das quais chove a luz em moedas de ouro. E no topo do serro atapetado de relva, a ampla casa hospitaleira dos meus parentes, com a sua varanda festivamente embandeirada de redes. Lá vai o gado a mugir, na tarde mística, em busca do curral. Lá vai a cabocla, que cheira a mangericão, rumo da palhoça, com o pote de água da ipueira à cabeça. Lá vai... E tenho vontade de gritar:

— Tragam meu cavalo de campo para eu galopar pelo meu sertão!...

Mas o meu sertão está longe e o meu cavalo de campo morreu..."

Gustavo Barroso fez também poesia, e poesia de forma heráldica e rica de coloridos emotivos.

No livro *As sete vozes do espírito* ele enfeixa versos de sugestiva beleza, como este delicado quatorzeto:

AUSENTE

A minha vida em certa paz fluía,
Quando tua presença a iluminava.
Das dores do passado me esquecia
Na ternura com que te contemplava.

Nunca pensei que a ausência poderia
Tornar uma alma de saudade escrava,
As flores arrancando da alegria,
Enchendo-a de ervas e de mata brava.
Não me deixa um instante o pensamento
De que por outro podes me esquer,
Procuro dominar o sofrimento

Com força de vontade, podes crer;
Mas dá dor mergulhado no tormento,
Basta os olhos fechar para te ver!

E revivendo a beleza fidalga das cortes feudais, encerrada em castelos inexpugnáveis, ele a assemelha à sua alma, na nobreza dos seus sentimentos indevassáveis pelos curiosos e indiferentes. E num alto vôo de inspiração, ele nos dá delicada filigrana:

RECOLHIMENTO

Minha alma é uma Infanta de Castela
Esquecida num velho Escorial,
Que poucas vezes abandona a cela
Da grande solidão conventual.
Taful, contudo, como uma donzela
Em frente dum espelho de cristal,
Procura sempre se tornar mais bela
Alheada do mundo, guarda aquela
Nobreza que a tornou original.
Em graves pensamentos se abroquela
No amor de Deus, para vencer o mal,
Parecendo orgulhosa, é bem singela;
Mas despreza o que seja trivial.
Aos outros é difícil entendê-la
Na sua muda profundez total.
A mocidade já passou por ela
Com todos os cortejos do ideal.
Na intimidade, só a mim revela
O que a vida lhe serve de fanal.
Não costuma abrir nunca a janela
Para falar com qualquer um mortal.
Minha alma é uma Infanta de Castela,
Esquecida num velho Escorial.

Gustavo Barroso glória legítima da nossa terra recebe nessa hora em que comemoramos o transcurso dos teus 70 anos de vida tão preciosa para as nossas letras, a homenagem da alta admiração e da maior estima da Casa de Juvenal Galeno.